

O PAPEL DA ARQUITETURA RURAL ITÁLO-GAÚCHA NA REINVENÇÃO DA ITALIANIDADE

THE ROLE OF ITÁLO-GAÚCHA RURAL ARCHITECTURE IN THE REINVENTION OF ITALIANITY

Claudine Machado Badalotti¹
João Carlos Tedesco²
Maciel Welter³

Submetido em 27-06-2018
Aprovado em 01-08-2018

Revista Infinity

Revista dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil e Engenharia de Produção.
Uceff – Campus Itapiranga
Vol. 3, nº 1, 2018
ISSN 2525-3204

¹ Mestra em História pela UPF. Coordenadora e docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário UCEFF de Itapiranga. E-mail: arquiteta.claudine@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais; professor do Mestrado em História da UPF. jctedesco@upf.br

³ MBA em Gestão Ambiental, docente do Curso de Engenharia Civil e do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário UCEFF de Itapiranga, engenheiro sanitário e ambiental da Prefeitura Municipal de Itapiranga SC e proprietário da empresa Maciel Welter Engenharia - ME. E-mail: macielwelter120278@gmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende analisar as construções físicas (antigas moradias, moinhos etc.) do imigrante italiano na Rota Turística Caminhos de Pedra, localizada em Bento Gonçalves (RS); objetiva-se compreender os processos que ritualizam a memória étnica, produzindo patrimônios materiais e imateriais e seu uso para o fomento turístico-mercantil, reforçando assim a reconstituição de etnicidade, no caso, a italiana. A metodologia utilizada está baseada em pesquisa exploratória, qualitativa e documental. Trata-se de uma pesquisa que envolve levantamento bibliográfico e estudo de caso, possui um caráter de pesquisa documental. Os instrumentos utilizados para coletar os dados foram: análise de documentos de fundo administrativo, como leis, decretos e projetos culturais; conjuntos documentais de materiais informativos, localizados junto aos estabelecimentos objeto de estudo e na Associação Rota Turística Caminhos de Pedra. A internet foi utilizada como instrumento de pesquisa em site de instituições governamentais, periódicos de revistas científicas ou bancos de teses e dissertações, também foi realizado levantamento *in loco* sempre que necessário. Por fim, durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível perceber no processo de institucionalização da rota turística a presença de grupos que atuaram deliberadamente como agentes, e que de certa forma institucionalizaram uma memória e uma identidade local em torno de um referencial étnico italiano, muitas vezes reinventando tradições atribuídas aos imigrantes.

Palavras-chave: Imigrante italiano; Memória étnica; Patrimônios.

Abstract

The present work intends to analyze the physical constructions (old dwellings, mills, etc.) of the Italian immigrant in the Touristic Route Caminhos de Pedra, located in Bento Gonçalves (RS); the objective is to understand the processes that ritualize ethnic memory, producing material and immaterial patrimonies and its use for tourism-mercantile development, thus reinforcing the reconstitution of ethnicity, in the case of Italian. The methodology used is based on exploratory, qualitative and documentary research. This is a research involving literature review and case study has a documentary research character. The instruments used to collect data were: document review administrative background, as laws, ordinances and cultural projects; documentary sets of informative materials, located next to the establishments object of study and in the Association Rota Turística Caminhos de Pedra. The Internet was used as a research tool in site of government institutions, periodic journals or databases of theses and dissertations survey was also conducted on-site when needed. Finally, during the development of the research it was possible to perceive in the process of institutionalization of the tourist route the presence of groups that deliberately acted as agents, and that in a way institutionalized a memory and a local identity around an ethnic Italian referent, often reinventing traditions attributed to immigrants.

Keywords: Italian immigrant; Ethnic memory; Assets.

Considerações Iniciais

A importância de se preservar as construções rurais provenientes de uma arquitetura de linguagem própria, de base essencialmente artesanal e de simplicidade notável, advém do desejo de recuperação da memória construída por um grupo social num determinado tempo histórico e vivido coletivo.

Não basta preservar apenas os casarões, os imóveis que pertenceram a pessoas ilustres, pois a história é mais que isso; ela precisa dos casarões, mas também das casas de “porta e janela” do cidadão comum. Ambos fazem parte das práticas sociais vividas por seus moradores, no caso em questão a sociabilidade vivida por pequenos agricultores-imigrantes italianos – que se localizaram na serra gaúcha.

Michelin (2008, p. 27) retrata que quando se fala em patrimônio, busca-se enfatizar que esse

[...] deixou de ser definido pelos prédios que abrigam reis, condes e marqueses e pelos utensílios a eles pertencentes, passando a ser definido como o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade.

Portanto, é a partir da valorização da própria história que o passado adquire importância e pode ser utilizado como mercadoria de alto valor agregado para a indústria turística, criando assim lugares dotados de memórias a eles associados. Esses lugares passam a compor o imaginário dos moradores locais e dos turistas que visitam o roteiro. É esse horizonte que se quer analisar e, em alguns aspectos, problematizar nesse sintético ensaio.

A origem da rota turística Caminhos de Pedra

O projeto Caminhos de Pedra foi idealizado pelo engenheiro Tarcísio Vasco Michelin, que, em um primeiro momento, também financiou o roteiro; o mesmo teve a participação do arquiteto Júlio Posenato; a intenção inicial era a de preservar e dinamizar a cultura que os imigrantes italianos trouxeram para esse pedaço do Rio Grande do Sul a partir de 1875. O projeto buscava a recuperação do patrimônio cultural local, não só de sua arquitetura, mas também de sua língua, folclore, arte e as habilidades manuais dessa comunidade.

O referido projeto também objetivava produzir um grande acervo arquitetônico de toda a zona rural do município de Bento Gonçalves, realizado no ano de 1987. A partir desse levantamento, percebeu-se que o Distrito de São Pedro, composto por sete comunidades (São Pedro, São Miguel, Barracão, São José da Busa, Cruzeiro, Santo Antônio e Santo Antoninho), possuía o maior número de exemplares de casas rurais mais antigas e em bom estado de conservação, sendo o conjunto um testemunho considerável da história e da cultura do Município.

A partir dessa iniciativa, algumas casas foram restauradas, outras relocadas de sua origem e colocadas na rota, passando a receber visitação. Desse modo, foram realizadas adaptações de seus móveis e a substituição dos usos dessas casas, voltadas para a indústria turística, a maioria tornou-se centros de degustação de produtos coloniais certificados, outras um memorial da história coletiva dessa população. A implantação da maioria dos estabelecimentos ocorreu de forma linear, ao longo da estrada Júlio de Castilhos.

Em 10 de agosto de 1998, o Projeto Cultural Caminhos de Pedra conseguiu captar recursos de empresas locais, através da LIC, Lei de Incentivo a Cultura do estado do Rio Grande do Sul. Esse roteiro, segundo dados do site da Associação Caminhos de Pedra, recebe em média, uma visitação de 60.000 turistas, contando com 19 pontos de visitação e mais de 50 pontos de observação externa do patrimônio arquitetônico e da paisagem.

Michelin (2008, p. 47) evidencia que a atividade turística incentiva a valorização da cultura e da etnicidade, questão também trabalhada no projeto, onde

[...] não existindo ainda no povo a consciência da preservação pelo valor cultural, será necessário recorrer a uma forma que, através da receita que gera, num primeiro momento estimule a conservação do acervo por interesses financeiros, e num trabalho sustentado ao longo do tempo através da formação da juventude, desenvolva nas pessoas a convicção do valor da herança cultural, como documento e testemunha da própria caminhada histórica, base da segurança no presente e na evolução rumo ao futuro.

Assim, o turismo seria a forma de viabilizar financeiramente o projeto, considerando também que um dos objetivos do turismo rural é de criar alternativas de renda complementar e evitar o êxodo rural.

A reinvenção da italianidade na criação do lugar: a moradia do imigrante italiano

Sabe-se que a identidade é um processo de construção e no caso da recuperação da questão étnica é também uma forma de resistência ao mundo globalizado, onde traços culturais da modernidade passam a ser comuns a diferentes culturas.

Segundo Colognese (2004), a italianidade é uma identidade em constante construção e reconstrução; é a crença numa origem comum, gerando no descendente do imigrante italiano vínculos de pertencimento; há um fator locacional que se territorializa como resultado de estratégias de grupos e sujeitos que se definem na produção e identificação de coletividades, organizando, distribuindo e coordenando recursos, comportamentos e ações, em geral, na transposição temporal imaginária de grupos étnicos. Os territórios étnicos não se definem unicamente no espaço local, há interações endógenas e exógenas, alocação, incorporação e criação de recursos, os quais se expressam em fatores considerados da “tradição” dos grupos envolvidos, mas em interação e alteridade.

Os territórios, assim como os processos de desenvolvimento são sempre construídos; grupos sociais os compõem, os diferenciam, os nomeiam e os enquadram num horizonte de identificação. Os grupos sociais produzem redes e bases para a convivência, identificação e pertencimento social (RAFFESTIN, 1993). Desse modo, é possível reconhecer que os territórios possuem riquezas humanas, patrimônios (materiais e imateriais) que, colocados em evidência, interligados aos demais, em âmbito regional, produzem transformações na realidade e são um grande pressuposto para os processos de desenvolvimento, pois aliam-se a um conjunto amplo de fatores que produz envolvimentos.

Michelin (2008) destaca que a população local tinha vergonha de sua herança cultural, de seu sotaque, além da vergonha de suas “casas de colono”, características de sua italianidade. Para esses moradores, ter uma casa antiga era sinônimo de pobreza e de não ter acompanhado o progresso, como fizeram os vizinhos mais ricos. Na medida do possível, derrubavam ou reformavam suas casas antigas buscando características mais modernas, como algumas casas de pedra que foram rebocadas para ficarem mais parecidas com as casas de alvenaria.

De acordo com Gutierrez (2000), diferente do que acontecia nas casas rurais na Itália, onde geralmente todas as funções estavam reunidas em uma única construção, no Rio Grande do Sul, cada atividade correspondia a sua própria edificação, já que as dimensões

dos lotes destinados aos imigrantes, se comparados ao tamanho dos lotes italianos, correspondiam a um pequeno latifúndio.

Os materiais que compõem a casa dos imigrantes italianos na rota turística como a pedra e a madeira eram obtidos no próprio local. A madeira era recolhida na mata, na abertura dos clarões durante o processo de ocupação da colônia. Seu uso foi a contribuição mais significativa para a arquitetura; era pouco conhecida pelos imigrantes, mas graças a sua abundância foi largamente utilizada nas construções de suas moradias e para fins estruturais.

Gutierrez (2000) afirma que o trabalho em pedra fazia parte da tradição do imigrante italiano, devido a abundância do basalto no norte da Itália. Aqui retirar as pedras do terreno com o objetivo de utilizá-la na construção teve também a função de desobstruir os campos que serviram ao plantio. Geralmente construía três edificações, uma correspondia a residência, outra a cozinha e a terceira era o galpão. O galpão geralmente era mais afastado da casa, servia como depósito de implementos agrícolas, pequena oficina e abrigo de animais.

Uma das primeiras casas da geração de imigrantes chegados nessa região é a Cantina e Casa Strapazzon (figuras 01 e 02), construída totalmente em pedra irregular, por volta de 1878, pelo imigrante Giovanni Strapazzon. Foi posteriormente adaptada para a função de cantina pelo Projeto Caminhos de Pedra, essa foi a primeira casa do roteiro a receber um grupo de turistas, provenientes de São Paulo e onde foram gravadas algumas cenas do filme o Quatrilho, uma adaptação do romance de José Clemente Posenato.

Figura 01: Casa construída em 1878 para estrebaria de animais, atualmente funciona como cantina



Fonte: Dos autores

Essa construção funcionava como estrebaria de animais, a residência da família estava localizada em uma casa de madeira ao lado, mas segundo relato da funcionária do local essa moradia foi destruída por um incêndio, deixando a família com a estrebaria como a única opção de moradia até que tivessem condições de construir uma nova residência, situação essa que perdurou por aproximadamente oito anos.

A estrebaria foi construída totalmente em pedra irregular, aparelhadas nas faces internas e externas da construção e assentadas com juntas secas (sem uso de argamassa), com as pedras encaixadas umas sobre as outras a maneira de enxilharia, técnica construtiva que além da economia de argamassa favorecia a estabilidade da construção.

O piso de chão batido encontra-se igual à época da construção. No inverno, mesmo com a família morando na casa, os animais dormiam na parte inferior, para não morrerem de frio e ajudarem no aquecimento interno do ambiente. A escada que dá acesso ao mezanino, e que pode ser observada na Figura 02, é original, construída toda de madeira, inclusive os encaixes, sem uso de pregos ou qualquer outro utensílio.

Figura 02: Imagem interna da antiga estrebaria, hoje adaptada para a fabricação e armazenagem de vinhos



Fonte: Dos autores

As portas e janelas não possuem vidros e seus fechamentos são feitos por folhas de madeira, constituídas por tábuas sambladas⁴ umas as outras e unidas por travessas. Os marcos são grossos, de madeira. Outra característica da arquitetura ítalo-gaúcha eram as vergas e os peitoris executados em madeira que ultrapassavam as ombreiras dos marcos, embutidos nas paredes de pedra, complementando a função estrutural.

Segundo Gutierrez (2000), a residência da família geralmente possuía três pavimentos, correspondendo respectivamente ao porão, a parte residencial e o sótão. Geralmente aproveitavam os desníveis naturais do terreno para implantar a construção, fazendo assim um porão semienterrado, figura 04. O porão geralmente era de pedra, alguns possuíam janelas, condição essa que favorecia a armazenagem de vinhos, queijos e salames.

A figura 03 representa a casa Vanni, construção em madeira, erguida em 1935 por Pietro Strapazzon, possuindo um porão semienterrado de pedras de cantaria, perfeitamente cortadas e encaixadas. Hoje o subsolo foi transformado em restaurante pelo projeto Caminhos de Pedra. Uma das vantagens da sustentação da casa utilizando pedras é manter a madeira longe do contato com o solo, portanto livre de umidade.

⁴ Peças de madeira reunidas por meio de entalhes.

Figura 03: Casa Vanni, construída em 1935 por Pietro Strapazzon, atualmente o subsolo funciona como restaurante e o térreo como loja e cafeteria



Fonte: Dos autores

Figura 04: Fundos da casa Vanni, detalhe para o porão semienterrado em pedras de cantaria



Fonte: Dos autores

Os dormitórios das casas variavam em número, de acordo com a quantidade de filhos. Segundo Gutierrez (2000), um dos quartos, muitas vezes transformado em despensa, possuía uma escada que dava acesso ao sótão. O sótão era normalmente dotado de pequenas aberturas, sempre simétricas as janelas dos pavimentos inferiores (figura 06). De

acordo com Gutierrez (2000) com essas condições construtivas, o sótão conservava um ar quente e seco, ideal para a conservação de cereais que ficavam depositados nessa área. Algumas vezes o sótão podia abrigar mais um dormitório para os meninos ou para hóspedes.

Figura 05: Sótão da salumeria, atualmente conta a história da casa e da família através de fotos expostas aos visitantes



Fonte: Dos autores

Figura 06: Pequenas janelas do sótão simétricas com as aberturas principais



Fonte: Dos autores

As figuras 05 e 06 tratam da Casa Righesso, moradia construída em 1889, em pedras de basalto irregular de cor preta, unidas entre si com uma mistura de feno, palha e estrume de vaca. Essa residência era originalmente coberta por tabuinhas, também conhecidas como scándole, possuíam aproximadamente cinquenta centímetros de comprimento por vinte centímetros de largura, atualmente a cobertura foi substituída por telhas de barro, devido a pouca resistência do scándole. Restaurada no ano de 2007, onde desde meados de 2012 funciona a salumeria, local em que o visitante pode conhecer a história e a tradição dos embutidos, degustar e adquirir o produto.

A cobertura dessa construção é característica das construções dos imigrantes italianos, em quatro águas e de beiral pequeno. A forma da planta baixa também é bem típica para essas construções, geralmente um retângulo, mas com um sábio equilíbrio nas fachadas, com esquadrias disposta de forma harmoniosa e cuidadosamente estudadas, mantendo sempre uma simetria.

A cozinha em algumas casas estava localizada próxima a residência (figura 07), ligada por uma pequena cobertura. Servia também como estar e lugar de convívio antes e depois das refeições. Geralmente usavam esse partido arquitetônico para separar a área da residência da cozinha, devido ao perigo de incêndio.

Figura 07: Casarão construído em 1915, atualmente funciona como casa da tecelagem



Fonte: Dos autores

A figura 07 mostra o casarão construído em 1915, na cidade de Flores da Cunha que foi desmontado e transferido para São Pedro no ano de 2004, mantendo as características originais, com o acréscimo do porão em pedras irregulares.

Percebe-se que apesar da simplicidade das construções, cada uma tem a sua história, fazem parte da memória coletiva da cidade a partir da qual evoluiu toda a aglomeração urbana, elementos que fazem parte do imaginário dos moradores.

Assim resume Costa (1976), em relação às construções dos imigrantes italianos: “preservar o que estes valentes imigrantes ergueram com seus braços rudes, será por si só a melhor maneira de prestarmos a eles nossa admiração e nosso reconhecimento.”

Identidade e territórios

A identidade com o espaço do vivido (e de temporalidade já longa) é um fator importante na definição das territorialidades humanas; a mesma não se dá sem uma referência ao passado dos grupos que produziram relações no espaço; por isso que a noção de pertencimento é muito cara para a ideia de território, pois re-aloca o contexto histórico em temporalidades presentes. Desse modo, a apropriação do território está muito ligada a fatores afetivos, à intensa ligação com a natureza, com relações econômicas, políticas e culturais (HAESBAERT, 2004).

O território revela-se num espaço de sociabilidades (familiares, produção, saberes, comunidades etc.), de identificação com identidades coletivas, as quais se (re)constroem constantemente a partir das relações sociais que se estabelecem interna e externamente. Cada sociedade e cada indivíduo produzem seu espaço, o dividem e o hierarquizam, lhes dão significados que lhes configuram uma existência real, intercambiante entre grupos e localizados em territorialidades culturais e/ou étnicas, dimensionado os sentidos e o pragmatismo do pertencimento (ZANINI, 2008), que se revela em produtos na esfera da comercialização ou no marketing que publiciza as rotas, em particular, a do Caminhos de Pedra.

Nas rotas com identificação de uma territorialidade étnica, há busca de valorização de patrimônios, saberes étnicos expressos em produtos gastronômicos, no artesanato, na arquitetura etc.; nesses horizontes relacionais se produzem e fortalecem relações de

amizade, alianças, retribuição, prestígio, confiança coletiva, intercâmbios de saberes e aprendizagens.

Nesses horizontes de turismo étnico, agregam-se modernidade com tradição, atividades produtivas que adentram por canais convencionais de dinamismo comercial e turístico.

Na rota Caminhos de Pedras, bem como no Vale dos Vinhedos, ambas em Bento Gonçalves, há uma moderna infra-estrutura viária e de publicidade que informa, atrai e conduz o turista aos locais e identifica produtos com grupos étnicos. Isso produz e transmite conhecimentos, reconstituem acervos patrimoniais culturais locais, reforçando sentimento de pertencimento ao território. O artesanato, expresso em várias formas, passa a ganhar conotação de territórios implícitos. Por isso que sentir-se territorializado, no caso das rotas, não significa estar definido num único e delimitado espaço geográfico; significa, sim, a afirmação consciente de seu lugar, de reprodução de seu éthos.

Dialogar com os tempos: memórias e patrimônios

As sociedades buscam restaurar aspectos do passado, pois esses revelam a passagem temporal e espacial dos grupos e indivíduos; é a sua identidade espacial, temporal, social e individual (ABREU, CHAGAS, 2003). Nesse sentido, precisamos de um diálogo com os tempos, com as inovações, mas com as tradições também. É desse diálogo que vai depender a determinação de significados. Expressões de memória material e imaterial não possuem tanta fronteira assim, são horizontes que se complementam e se integram. Por isso que, dar visibilidade aos vestígios, às memórias de lugares e aos lugares de memória, é quase que um imperativo na sociedade atual.

A dimensão dos valores do patrimônio cultural (aqui entendido também em correlação com etnias envolvidas) tende a estar em consonância com o conjunto das representações das formas de vividos temporais e regionais que cada grupo social produz, institucionaliza, pratica e transmite por meio de formas variadas de socialização e de interação dos membros e, desses, com outros de fora do grupo. Desse modo, falar em patrimônio cultural, etnicidade (territórios étnicos), é também, correlacioná-los com identidades, alteridades e fronteiras espaciais e históricas (ABREU, CHAGAS, 2003). Assim como os territórios, as etnicidades também são construídas; são processos

engendrados por mediadores, legitimados pela história e pela vivência e produção territorial; as mesmas ganham contornos e configuração nos rituais, na gastronomia, nas falas dialetais, na arquitetura, nas casas antigas etc.

Em outras palavras, o patrimônio cultural é concebido aqui, em correlação temática, por ser um conjunto de bens materiais e imateriais, um fazer e saber de determinados grupos que conseguem estabelecer pontes e ligações entre o passado com o presente e, esse, com o futuro, ou seja, garantir permanências e continuidades, presenças nas ausências. É uma forma que grupos encontraram para agregar renda, otimizar recursos territoriais, paisagísticos, arquitetônicos e de mercado dos produtos considerados locais. Por isso que entendemos que a etnicidade deva ser compreendida como algo mediado, confrontado, adequado, seletivizado, diferenciado, circunstancializado, comparado e mudado em decorrência das necessidades, das mudanças culturais produzidas e das vantagens obtidas pelos sujeitos e grupos envolvidos em períodos específicos.

Percebemos que na referida rota há uma identificação com o território que liga os tempos da imigração para o Brasil e, em particular, para o Sul do país (ZANINI, 2008); há um local, inclusive, em que foi palco de algumas cenas do filme *O Quatrilho*. Essa correlação passa a ser um recurso que une culturas, acaba produzindo um capital social étnico que é também agregado à Igreja Católica e que serve para alimentar iniciativas migratórias. Idealizações da Itália são produzidas em algumas regiões do Brasil, desejos e projetos, produzidos no interior de famílias, de viajar para a Itália e realizar o sonho dos pais e/ou *nonos/bisninhos* de retornar à “Pátria-mãe”. Esse processo mantém lembranças de um passado histórico. A identidade de imigrante de hoje, para muitos descendentes, revela a idealização continuada do sonho de “fazer dinheiro”, segue a estrada histórica do sacrifício para obter melhores condições de vida.

Os rituais denominados de “étnicos” desenvolvidos em comunidades na Região Colonial do Rio Grande do Sul, como tentativa de reconstituição de etnicidades têm dificuldades de deslocar-se da sociedade-mãe; os mesmos imprimem processos inventados e/ou produzidos local e circunstancialmente, inclusive de uma forma laudatória, tendo dificuldade de reconhecer os processos concretos de adaptação, da vida na colônia, dos formatos lingüísticos etc. Essa ligação imediata com a Itália faz perder perspectivas

históricas mais concretas e mais ricas ao não reconhecer a distância que há entre a italiana e os italianos de ontem e de hoje, em particular em suas intenções e visões de mundo.

A chamada italianidade, que, na realidade, é uma italianidade “secularizada” e que não é mais a do sujeito depreciado, estigmatizado, que se localizou “in mezzo ai monti” [em terras íngremes, em meio aos montes], busca reconstituir, por intermédio de grupos, associações, intercâmbios e acordos de cooperação cultural espalhados pelo Sul do Brasil, o sucesso obtido, a superação, a redenção de uma Itália rica e de um Sul do Brasil também diferente do Norte/Nordeste, da pujança econômica dos italianos; enfim, não é uma lembrança de antigamente; não é a do amor pátrio à antiga Itália, ao *bel paese*.

Vimos na rota Caminhos de Pedra que residências antigas são literalmente transportadas e realocadas no interior da referida rota, servindo para determinadas atividades em seu interior; ou seja, além de tempos múltiplos, espaços também são redimensionados.

A figura 08 demonstra os acordos entre os grupos e sociedades coirmãs, as quais interligam microrregiões do Brasil com outras da Itália, são de grande expressão na região colonial do RS. Esse processo produz irmandades com vínculos históricos de trajetórias migratórias. Já, a figura 09 é um exemplar que caracteriza residências com características arquitetônicas do período da imigração italiana, em geral da segunda geração, são transladadas para o interior de rotas para melhor definir pertencimentos e territorializar etnias. Passam a ser e ter pontos de referência temporal e grupal, espaço e um tempo de (con)vivências, nuclearização estendida. Como espaço de memória, a casa imprime os ritos de passagem (entrada, saída, retorno, permanência e deslocamento).

Figura 08: Placa localizada no município de Veranópolis



Fonte: Dos autores

Figura 09: Casa das Massas e Artesanato em Bento Gonçalves



Fonte: Dos autores

O sentido de casa para o camponês indica sempre integração, unidade de família. A casa e os seus objetos internos e externos ligam-se à noção de enraizamento, de pertencimento, de rede de reciprocidade e sociabilidade, num mundo de vida cotidiana, de convivência, cenário dos ritmos onde a lógica e a simbólica da terra, no caso para os camponeses, interliga-se formando uma totalidade identitária de vida rural. As casas são

testemunhos edificadas do grupo familiar, de sua dimensão mais íntima, dos ritmos diários e dos rituais, das rupturas e descontinuidades e da sucessão de gerações. Entendida como espaço simbólico, a casa passa a ser integrada ao indivíduo através de suas vivências, sendo elemento importante na manutenção da identidade social.

Considerações finais

Vimos que esse processo denominado de pertencimento de grupos (Augé, 1978) produz capitais sociais no interior dos mesmos; isso é muito utilizado por estruturas midiáticas, religiosas e empresariais de grande porte (como as vinícolas de grande expressão, queijarias, redes hoteleiras etc., presentes no Vale dos Vinhedos e no Caminho de Pedras), bem como pelas “agroindústrias caseiras” (como são denominadas por interlocutores em pesquisa de campo) de vários tipos, em particular as do vinho e queijo “colonial”, praticamente todos os destilados (licores), as das farinhas (pães, cucas e doces), da erva-mate, de carnes e embutidos, do leite e vários de seus derivados, os moinhos e a venda da farinha de “moinho de pedra”.

As relações com o território de origem tecem um conjunto de ações e mediações institucionais, que se alimentam pelo mercado do patrimônio étnico-cultural (ZANINI, 2008). Disse-nos um proprietário de uma indústria “caseira” de embutidos que,

“os ricos de agora voltaram a comer o que comiam quando eram pobres; vêm comprá dos pobres o que os ricos não comem mais no dia-a-dia e nós comemos [...]; eles se identificam com uma vez [tempos atrás da vida na colônia], não é? Sentem saudade disso; nós somos os que ainda têm isso, tu não encontras mais por aí tão facilmente uma carne de galinha caipira para fazer a sopa de antigamente que todos eles gostam”.

Produtos “italianos” vão ganhando novas formas e incorporando/re-adaptando os saberes, os quais são disseminados entre os grupos sociais.

Esses formatos locais de conhecimento e de desenvolvimento local/regional; vinculam-se a horizontes mais amplos de relações e condições objetivas de existência, de interconhecimento e de reciprocidades (na elaboração, difusão e incorporação a determinados produtos); são fatores fundamentais para a identidade do horizonte regional (lugar de pertencimento de grupos) e suas estratégias de reprodução na interação com a economia mercantil (SABOURIN, 2009). Inúmeros saberes se cristalizam, se adaptam, se intercambiam, se complementam e se excluem, gerando profissões exclusivas e

identificadas, outras mais aleatórias, porém todas como expressão de um patrimônio cultural e histórico. A transmissão e incorporação de saberes sempre foram mais do que uma transmissão de técnicas; era expressão de valores, construções de papéis, estrutura social, reprodução do grupo, etc. A produção e reprodução dos bens simbólicos caminhavam juntas, ou, então, antecediam a produção de mercadorias. Havia uma produção de bens que era socializada antes de socializar mercantilmente alguma coisa, dimensão essa revestida de valores de uso e do uso como valor.

Enfim, os objetos de memória, subjetiva e objetivamente, dependendo do contexto, dos grupos e significados em questão, possuem um poder evocativo, expressão de nossa projeção, nossas interpretações dos eventos passados (LUCENA, 1999).

Desse modo, os objetos são dotados de um poder de memória que lhes rende significados. As rotas, nesse sentido, fizeram emergir novos significados, em geral, na dinâmica mercantil. A tradição está ligada à memória, ao passado reconstruído, tendo o presente como base e como re-elaboração referencial.

Para Colognese (2004), na realidade não existe uma cultura italiana no Brasil, como ela é realmente compreendida pela maioria das pessoas, o que existe é uma cultura de raízes italianas, ou seja, uma cultura brasileira diferente sob diversos aspectos da oriunda de outras etnias. A cultura italiana não é simplesmente repetida, mas reconstruída. Portanto, a maneira mais adequada de chamar esses descendentes de italianos seria “íalo-gaúchos”, uma cultura característica apenas desse estado brasileiro, resultado da relação de duas culturas diferenciadas, que acaba resultando em uma terceira cultura, processo conhecido por hibridismo cultural.

A preservação da arquitetura étnica, dotada de memórias a ela associadas, revela-se um importante papel na construção do imaginário dessa comunidade e dos turistas que visitam o local, em busca de um lazer educativo e informativo.

Na tentativa de esclarecer a importância de se preservar um bem, de outro ponto indaga-se da necessidade de se demolir o velho e substituir pelo moderno. Num mundo onde a especulação imobiliária apaga as marcas da história, a necessidade de se preservar o patrimônio construído deve ser um imperativo também social.

Sabemos que as territorialidades não são unívocas; representam a multidimensionalidade do “vivido” territorial, por isso são permeadas de delimitações,

configurações de exclusão/inclusão; há os que estão dentro e os que estão fora; assim como contribui para manter identidades e representar uma forma de ordenação e identificação de grupos, pode delimitar o acesso a outros. Desse modo, tanto as identidades, quanto os territórios são processos em curso que revelam a dinâmica do cotidiano de grupos sociais que buscam referenciar seu passado através das casas antigas, de saberes, de produtos e da dinâmica mercantil que os grupos étnicos produzem. Essa identidade com o espaço do vivido, com as práticas enraizadas na sociabilidade histórica é que dá o caráter de território e o correlaciona aos grupos.

Referências Bibliográficas

ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ASSOCIAÇÃO CAMINHOS DE PEDRA.

Disponível em <http://www.caminhosdepedra.org.br>. Acesso em: 19 de abril. 2013.

AUGÉ, M. *Le forme dell'oblio. Dimenticare per vivere*. Milano: Il Saggiatore, 1978.

CERDAN, C. Produtos de qualidade, patrimônio cultural e desenvolvimento territorial: o Caminho de Pedra e o Vale dos Vinhedos: In: Simpósio de segurança alimentar: debatendo qualidade. Bento Gonçalves, RS. *Anais*. Bento Gonçalves, RS: SBCTA-RS, 2008.

CERDAN, C.; MARTIN de SOUZA, A; FLORES, M. El patrimônio cultural como um elemento estratégico para el desarrollo territorial: dos casos de la inmigración italiana en Brasil. In: RANABALDO, C.; SCHEJTMAN, A. *El valor del patrimonio cultural: territorios rurales, experiencias y proyecciones latinoamericanas*. RIMISP: Lima, 2008, p. 313-332.

COLOGNESE, Silvio Antonio. *Associações étnicas de italianos. Identidade e globalização*. São Paulo: Editora Itália Nova, 2004.

COSTA, Rovílio. *Antropologia visual da imigração italiana*. Caxias do Sul: Editora UCS, 1976.

GUTIERREZ, Ester; GUTIERREZ, Rogério. *Arquitetura e assentamento ítalo-gaúchos (1875-1914)*. Passo Fundo: Editora UPF, 2000.

HAESBERT, R. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2004.

LUCENA, C, T. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

MICHELIN, Rita L. *A reconstrução da etnicidade na arena turística: o caso do roteiro de turismo rural cultural Caminhos de Pedra. Bento Gonçalves, RS*. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Turismo) - Curso de pós-graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

POSENATO, Júlio. *Antônio Prado, cidade histórica*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SABOURIN, E. *Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.

ZANINI, M. C. T. *Pertencimento étnico e territorialidade: italianos na região central do RS*. In: Revista Redes. v. 13. Santa Cruz do Sul/Unisc, n. 3, p. 140-63, set./dez., 2008.